

# Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG

*Religion, family and gender among catholic community leaders of Soledade / MG*

Noêmia de Fátima Silva Lopes<sup>1</sup>  
Maria de Fátima Lopes<sup>2</sup>  
Marcelo José Oliveira<sup>3</sup>  
Douglas Mansur da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade, verificando suas implicações nas relações e na vida cotidiana familiar de homens e mulheres líderes de pastoral comunitária. A religião ocupa um lugar central na vida social e política local e que a participação das mulheres como líderes de pastoral amplia significativamente o leque de relações que estabelecem para além do espaço familiar. Contudo, a religião também contribui para a reprodução da desigualdade de gênero e fortalecimento do poder masculino nos âmbitos familiar e comunitário-religioso.

**ABSTRACT:** The article examines how the gender relations and power in the Catholic Church of Soledade are experienced and constructed, checking their implications for relationships and everyday life of men and women that are pastoral community leaders. The religion occupies a central place in social and political local life, and the women participation as pastoral leaders significantly extends the range of relationships they establish beyond the family sphere. However, religion also contributes to the reproduction of gender inequality and empowerment of male power in the family and community-religious context.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catolicismo. Família. Gênero.

**KEYWORDS:** Catholicism. Family. Gender.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal analisar como são vivenciadas e constru-

---

1 Assistente social e mestre em Economia Doméstica pela UFV. E-mail: nfslopes@yahoo.com.br

2 Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFV. E-mail: mflopes@ufv.br

3 Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFV. E-mail: marcelooliveira@ufv.br

4 Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFV. E-mail: douglas.mansur@ufv.br

ídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade, focalizando lideranças comunitárias, sobretudo mulheres participantes de pastorais comunitárias. Os dados de pesquisa foram coletados através de observação participante e entrevistas detalhadas, realizadas ao longo de doze meses de pesquisa. Soledade é uma das comunidades do distrito de São Sebastião do Sacramento, pertencente ao município de Manhuaçu, na região da Zona da Mata, situada ao sudoeste do estado de Minas Gerais<sup>5</sup>. No que concerne à divisão administrativa da Igreja Católica, encontra-se vinculada à Diocese de Caratinga. Em Soledade, homens e mulheres desenvolvem várias atividades, algumas delas em conjunto, outras bem delineadas e construídas culturalmente como espaços masculinos e femininos, seja na família, no trabalho rural ou nos grupos e pastorais da Igreja Católica, em que participam ou atuam como líderes.

Soledade está situada às margens da rodovia BR-116, sendo uma comunidade formada por pequenos proprietários. A monocultura é uma característica regional, e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de vida, seguido pelo cultivo de hortaliças e de grãos apenas para consumo familiar. Os moradores/as de Soledade são pequenos/as produtores/as rurais<sup>6</sup>, meeiros/as, parceiros/as e diaristas, assim denominados/as pelos sindicatos rurais, prefeituras e bancos comerciais de Manhuaçu, com uma população de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes<sup>7</sup>.

A vida religiosa e comunitária ocupa um espaço central na sociabilidade local, englobando atividades sociais e políticas diversas, para além das práticas religiosas propriamente ditas. Neste sentido, é importante entender como a religião e os sistemas de crença se constroem, exercendo influência significativa na vida e na ação dessas pessoas, através de suas orientações, regras e dogmas, ultrapassando, portanto, a esfera estritamente religiosa, dialogando com outros domínios da vida social, como a família, o trabalho e a economia, entre outros. As religiões, para os crentes, tornam-se capazes de realizar transformações intensas, físicas e psicológicas na vida dos indivíduos que as praticam (WEBER, 1997). Weber (1997) afirmou que as religiões não somente oferecem sentidos e significados para a existência humana, mas se tornam parte da cultura estabelecida e das estruturas institucionais de uma sociedade, como também influem – de maneira mais íntima – nas atitudes práticas

---

5 De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), Manhuaçu tem uma população estimada em 78.605 habitantes e possui 9 distritos. O local escolhido para este estudo pertence ao distrito de São Sebastião do Sacramento - um dos distritos de Manhuaçu - com uma população estimada em 6.000 habitantes. Assim como toda a região de Manhuaçu, é município produtor e exportador de café, acompanhado pela produção de cereais, leguminosas e oleaginosas – porém, em menor escala (PORTAL MANHUAÇU, 2011). O distrito de São Sebastião do Sacramento é formado por 5 comunidades e uma delas é a comunidade de Nossa Senhora da Soledade, local escolhido para realização desta pesquisa.

6 São propriedades ou minifúndios, com menos de um hectare de terra, outras de 2 a 5 hectares, a maioria das propriedades de Soledade está dentro desse padrão de medidas.

7 Dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu.

dos homens com relação às várias atividades da vida diária, de maneira independente e para além da salvação. Esse espaço religioso, ocupado por homens e mulheres, é também um dos espaços onde são construídas as relações de gênero.

As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade, pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher tende a regular todas as atividades sociais. Segundo Bourdieu (2004), podemos assumir que os agentes e as instituições – o homem, a mulher, a Escola, a Igreja, o Estado e a família – são estruturados e estruturantes no processo de naturalização de formas assimétricas de relações de poder que envolvem papéis de gênero. Ou seja, ao mesmo tempo em que têm poder para moldar a sociedade, eles (agentes e instituições) são por ela moldados, vão se modificando com o tempo, no confronto das ideias, numa relação entre instituições e pessoas que partilham um mesmo campo cultural e de valores que legitima esta assimetria.

Historicamente, a Igreja Católica é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos no ocidente. As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos através de representações, linguagens e palavra autorizada, reforçando e sacralizando, inclusive, a relação desigual entre homens e mulheres.

Bourdieu (2004) apresenta a estrutura do campo religioso como um espaço caracterizado por lutas e tensões entre os agentes e as instituições:

[...] a concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão quase sistemática do mundo e da existência. (p.88).

À medida que a Igreja proporciona uma ordem simbólica, contribui para a manutenção e legitimação da ordem política. A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações de poder de uma sociedade.

Assim, de acordo com objetivo de estudar as relações de gênero e poder no âmbito religioso e familiar, optamos, para além da observação participante, pela realização de entrevistas aprofundadas, em caráter de histórias de vida, com foco em lideranças locais, nas relações de gênero e na participação na vida política da comunidade<sup>8</sup>. A tarefa mais desafiante da observação direta

---

8 Na primeira etapa, foram feitos revisão bibliográfica e mapeamento do trabalho de campo; na segunda, investigação documental existente sobre a comunidade de Soledade e a aplicação das 21 entrevistas; na terceira e quarta, análises das entrevistas, comparação dos dados e avaliação das etapas cumpridas; na quinta e última etapa, a redação dos artigos científicos.

participante foi o contato próximo entre pesquisador e pesquisado, uma vez que as pastorais inseridas no campo da religiosidade e os sujeitos dessa história também fazem parte da trajetória de vida de uma das pesquisadoras da equipe, o que, por sua vez, representou uma ocasião propícia ao *anthropological blues* a que se refere Da Matta (1978, p.7).

Segundo Becker (1999), na observação direta participante, o observador coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, observando as pessoas e situações. O autor distingue quatro estágios no emprego da referida metodologia. Esses estágios são bem diferenciados, alcançando conclusões de tipos diferentes em cada fase, que são destinadas a usos diferentes no processo da pesquisa. Os estágios compreendem: a) a seleção e definição de problemas, conceitos e índices, quando o observador procura por problemas e conceitos que ofereçam perspectivas para uma maior compreensão da organização pesquisada; b) a observância sobre a frequência e a distribuição de fenômenos, em que o observador, de posse do problema, conceitos e indicadores, procura refletir sobre quais deles vale a pena perseguir como focos principais de seu estudo; c) em seu terceiro estágio, concebe modelos descritivos que melhor expliquem os dados reunidos e consolidados; e d) o quarto estágio, de análise final, envolve problemas de apresentação de evidências e provas, isto é, a análise sistemática final, realizada após o trabalho de campo. No caso da pesquisa, o método de observação direta participante articulou-se principalmente ao registro de narrativas, como meio de articulação e de expressão, de nossos entrevistados, sobre aspectos importantes na experiência de vida relacionada com a temática proposta. Para Labov (1977), a narrativa é uma técnica de recapitular a experiência passada através da combinação da sequência verbal de sentenças com a sequência de eventos que de fato ocorrem. Durante a narrativa, o passado, o presente e o futuro são articulados, quando as pessoas narram suas experiências e os eventos sob um olhar do presente. Narrar, compondo um texto oral, implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (GOMES et al., 2002, p.32).

Com esta perspectiva metodológica, objetivamos compreender como as relações de gênero e poder se dão no cotidiano da comunidade, elegendo as pastorais como unidade empírica de pesquisa e linha de análise e, como interlocutores de campo, 21 líderes que compõem o conselho pastoral comunitário (CPC). O grupo é composto por representantes de cada pastoral e movimentos da comunidade com direito à voz e voto nas reuniões mensais, formando uma comissão com caráter deliberativo<sup>9</sup>. Dessa forma, compreende-se que o

---

<sup>9</sup> São decisões quanto a questões encaminhadas pelas pastorais como: agenda de encontros e eventos, viagens, cursos de aperfeiçoamento de liderança, projetos que necessitam de orçamento financeiro para execução, reformas no prédio local, despesas de manutenção, entre outras questões e propostas paroquiais ou diocesanas que necessitam de aprovação do CPC.

grupo escolhido de líderes representou significativamente o objeto de estudo, contribuindo para a compreensão das relações de gênero e poder nas pastorais.

A escolha do grupo estudado foi pensada e discutida após análise das características desses líderes: católicos, moradores de Soledade, coordenadores/as de pastorais ou que possuam cargos (de coordenação) nas pastorais, líderes há mais de cinco anos e que participam de forma efetiva na comunidade. Dos 21 líderes, 14 são do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Denominamos de forma fictícia os líderes entrevistados/as da seguinte forma: Sebastião, Edson, Carlos, Ricardo, João, Marcos, Victor, Luís, Pedro, Rodrigo, Cristiano, Fábio, Valter, Marcelo, Clara, Mariana, Lúcia, Vitória, Marta, Célia e Júlia. O grupo de líderes são homens e mulheres que viveram e vivem histórias semelhantes, com algumas peculiaridades, inseridas num contexto socioeconômico e religioso com características análogas. Este grupo tem forte influência na organização familiar e comunitária local, sob forte influência do pensamento religioso católico. Trata-se de liderança formadora de opinião, que opera de forma dinâmica no trabalho da pastoral, articulando fé e relações de poder<sup>10</sup>.

## **2. FAMÍLIA, GÊNERO E PODER NA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE**

Soledade é marcada por uma religiosidade em que as pessoas participam da vida social e política local, indo à Igreja celebrar e ingressando nos trabalhos pastorais, nos movimentos. Tudo isso mantém uma influência importante na vida das famílias que residem nessa localidade. Aproximadamente 70% da população é formada por católicos e 30% dos demais se dividem entre as religiões Assembleia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, contando com uma minoria que não participa de nenhuma prática religiosa. Os segmentos não católicos precisam sair de Soledade para frequentar cultos religiosos, pois na comunidade não existem espaços para o culto evangélico ou de crenças diferentes da religião católica<sup>11</sup>.

Para o nosso universo de entrevistados, a religião é concebida como parte da família: “família sem religião não existe, uma faz parte da outra”, como afirma uma das entrevistadas.

Eu não vejo minha família sem religião sabe? Pra mim a Igreja e a comunidade são também minha família, é tudo misturado, uma tá dentro da outra, não sei separar, porque Deus não disse: vós sois todos irmãos? Então, somos uma família. (Mariana, 31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

---

<sup>10</sup> O estudo delimitou a população a ser pesquisada com o processo de inclusão da seguinte forma: ser membro do CPC e fazer parte da coordenação das pastorais na comunidade. Todos os líderes – do sexo masculino e feminino – que se dispuseram a participar foram entrevistados. Do grupo do CPC, 21 líderes se dispuseram a participar. As atividades desenvolvidas e o período destinado à pesquisa foram distribuídos em 12 meses, subdivididos e organizados em seis etapas.

<sup>11</sup> Dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu.

Para todos os/as líderes entrevistados/as, a “família é um bem extremamente valioso”, ela possui valor moral. Na opinião das pessoas, “família e religião devem caminhar sempre juntas”.

Do mesmo modo, para os moradores de Soledade, família e religião se apresentam em conexão com gênero. Religião, família e gênero, em se tratando de Soledade, configuram uma particularidade e dimensão da vida coletiva, distingue e garante redes de relações na reprodução biológica e social. A família ganha destaque em relação ao indivíduo como instituição e província moral reguladora que estabelece as conexões sociais possíveis aos sujeitos. Neste sentido, se faz como contexto por excelência de reprodução humana porque estabelece lógicas fundadas no pensamento religioso que dão sentido ao fato de natureza, à reprodução<sup>12</sup>.

No espaço religioso, em especial na Igreja Católica, é conferido à família lugar de destaque, pois, como reafirmam constantemente, “religião e família devem caminhar juntas, pois uma depende da outra”. A família aparece como a “base de tudo”. Na opinião dos entrevistados, “família e comunidade são uma união necessária” e “quando a família não vai bem a comunidade também não vai bem”. Comunidade, para os líderes em Soledade, é comunidade religiosa. Em alguns momentos, citam o termo comunidade com o mesmo significado de Igreja Católica ou até mesmo de religião. “Um grupo que se ajuda de forma mútua, que disputa o mesmo espaço, uma comunidade”.

Eu acho que a religião e família, a religião trazem uma estrutura pra família, porque a família que participa dos momentos comunitários, família que sempre tá na missa, no culto igual nós sempre temos aqui, eu acho que tem uma grande força, a religião traz um grande apoio, na família, no emocional, pra fortalecer a união dentro de casa. Cê tem facilidade pra tá decidindo as coisas e discutindo alguma coisa, cê pensa que eu sou católico, religioso. Pra mim eu mudei muita coisa na família através da religião. Minha família hoje é mais unida, todos participam, parece que a gente fica mais confiante (Marcos, 42 anos, casado, entrevistado em 02/07/2011).

Percebe-se que a família é tida como valor moral, de responsabilidade ética, uma instituição que deve ser muito bem cuidada. A descrição de família é usada pelas pessoas como metáfora. A importância da conexão entre família e movimento pastoral na religião é expressa na opinião de Mariana:

---

<sup>12</sup> Lévi-Strauss (1980), ao demonstrar as estruturas elementares do parentesco, deu um passo decisivo para a desnaturalização da família ao retirar da família biológica o foco principal. A família passou a ser vista como atualização de um sistema mais amplo quando separa o fundamento biológico da consanguinidade e dos fundamentos sociológicos da aliança. De acordo com Velho (1978), o significado de família está vinculado a uma rede de outros significados e supõe um todo mais ou menos sistemático e não necessariamente harmonioso. A unidade existente na família ou em unidades particulares, conforme mencionada, não significa necessariamente harmonia.

Eu acho que é uma coisa engraçada, porque aqui na comunidade, tem família que trabalha junta: é o pai, a mãe, o filho, a filha. É mais uma união entre a família e os trabalhos, porque tem gente, é quase todo mundo que trabalha na comunidade, tem sempre dois ou três da família, então eu acho que é uma união que tem dado certo: a família, com a comunidade e os trabalhos pastorais. E nossa comunidade nisso é uma comunidade muito bem servida de pessoas pra tá trabalhando. Uma comunidade muito boa pra tá trabalhando, e é por causa disso que tem bastante união entre a família, a família em geral, tanto de um lado e de outro, um de um lugar outro de outro, mas sempre numa família tem duas ou três que tá participando da comunidade, um ou dois participam de uma pastoral, de outra pastoral, acho que é uma união perfeita: família e comunidade (31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

Em diferentes momentos das entrevistas, os líderes afirmam que “a Igreja e a pastoral são uma segunda família”. Muitos buscam, na religião e nos trabalhos pastorais, características que gostariam de encontrar na família, como sociabilidade, segurança, diálogo e respeito. Buscam na religião soluções e alternativas para os problemas que não são resolvidos ou extrapolam os limites da família: rezam pedindo saúde, união para a família, a cura de uma doença, a volta do companheiro, mais recursos econômicos, a recuperação de alguém, o abandono de algum vício etc.

Foi foi muito importante! Foi importante o fato de eu ser perseverante, né? Porque eu podia ter desanimado tanto o fato de eu ser perseverante, e junto com meus filhos, eu tive apoio dos meus filhos, eles falavam: ‘não vão não mamãe, eu falava: vão sim meu filho’ e a gente indo e o marido sentiu aquilo com certeza, né? Nossa, minha família lá vai e deve que ele sentiu vergonha da gente ir e ele não vinha! Mas aí tudo bem, foram sete anos assim, depois, quando ele veio eu senti mais força ainda, aí eu senti que a força tá na caminhada de fé! (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

Vitória não desistiu e conseguiu levar o marido para a Igreja. Ela relata sua história de vida com lágrimas nos olhos, se emociona e diz que tem orgulho do que fez, considera-se “poderosa” por ter levado o marido para a Igreja. Este fato tem para ela grande significado. “Me sinto orgulhosa por ter conseguido tamanha façanha”, ela diz.

Compreendemos que, para este grupo, a religião tem o poder de apontar soluções para problemas existenciais de vida e de morte do ser humano. Se essas necessidades não são satisfeitas na família, o espaço religioso composto pelos grupos e pastorais apresenta-se como alternativa de suprir essa satisfação. Uma satisfação que principalmente a mulher busca nesse lugar. Ela vem ocupando um espaço historicamente masculino e está presente em todas as pastorais na

comunidade, mesmo que ainda não tenha ocupado posições de maior status, como a coordenação geral, mas se envolveu de forma significativa nas atividades e trabalhos comunitários.

Eu era mais tímida, agora não, agora se for pra eu dirigir uma reunião lá na frente ou qualquer coisa eu tenho coragem! Se a pessoa chegar pra mim pedir pra eu ler uma leitura, um evangelho, fazer uma reflexão é na hora, não chego nem a tremer, eu consigo fazer, então mudou muito pra mim, eu acho que a autoestima melhorou. Em mim, a autoestima melhorou bastante. Eu acho que mudou muito nessa parte, eu acho que o apoio, o jeito né, que a gente chega a ter uma confiança maior na gente, às vezes a gente fica meio tímida por ser mulher! Agora num tempo pra frente, cê vai modificando, eu acho que tá tendo mais firmeza no que cê faz (Lúcia B., 45 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

Em Soledade, essa realidade tem um significado de rompimento com algumas tradições masculinas. Para essas mulheres, o reflexo é sentido diretamente na família, que vem transformando-se em função desse novo posicionamento da mulher no meio social.

São vários os modelos e configurações que as famílias assumem incorporados a mudanças em seu modo de vida e, conseqüentemente, na divisão do trabalho doméstico entre seus membros. Temos, hoje, várias famílias chefiadas exclusivamente por mulheres que assumem para si o cuidado da casa, dos filhos e sua sobrevivência financeira. Essas novas realidades familiares nos levam a refletir um pouco mais sobre a participação da mulher em atividades antes vistas somente como masculinas e suas implicações nas estruturas familiares.

Nas relações de gênero no espaço da família e da religião, definir submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica social e linguisticamente constituída, é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível e universal. O essencial é identificar para cada configuração histórica os mecanismos que enunciam e representam como *natural* e biológica a divisão social dos papéis e das funções (SOIHET, 1989).

As fissuras que a dominação masculina por ventura deixa entreaberta, ou que as mulheres constroem como espaço de oposição, não assumem a forma de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma oposição. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina contra seu próprio dominado (SOIHET, 1989, p.107).

No discurso da maioria dos líderes de Soledade, não existe discriminação entre homens e mulheres, porém a prática é reveladora de uma

desigualdade acirrada e marcada pela diferença.

É igual eu te falei. A relação entre mulheres e homens, sei lá, se for olhar pro lado, Deus fez homens e mulheres pra viver junto um do outro, então a relação entre família e comunidade é bom, assim não tem divisão, né? (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Quando explicitam sobre a importância da mulher no movimento pastoral e na religião, parece claro o início da diferença. A família aparece e o homem pode e deve participar, mas na visão de Carlos é melhor que a mulher fique em casa, no lar, cuidando dos filhos, de um familiar doente ou limitado, ao invés de participar de alguma atividade religiosa.

Minha mulher mesmo quase não vem à igreja porque ela tem as obrigações em casa, então eu vejo assim, não tem muita diferença não, se ela tiver tomando conta de alguém em casa, talvez é melhor ela ficar em casa do que ir à igreja e deixar alguém que tá precisando em casa, então eu acredito que para Deus não existe diferença (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Ao ser interrogado sobre a manifestação da esposa quanto à sua participação nos eventos religiosos da comunidade, ele diz::

É, ela sempre comenta comigo: é, eu poderia ir com você à missa, ao culto, mas como que eu vou e vou deixar minhas meninas! Eu falo pra ela, cê estando tomando conta dos meninos é mesma coisa de cê tá indo ao culto. Eu acho que se ela deixasse a sua irmã os meninos e viesse pro culto eu não ia sentir bem, sei lá, mas às vezes eu fico mais feliz de ela ficar com a família em casa do que tá vindo pra igreja, deixando quem tá precisa dela lá! (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Inseridas em uma cultura conservadora e machista, as próprias mulheres parecem não ter consciência da condição de submissão e de desigualdade, da diferença em relação ao homem. Para a maioria das líderes comunitárias, é uma condição natural da mulher, além de ser um “problema” da mulher, e não do homem, o cuidado com a casa, o lar, a família, naturalizando e essencializando atitudes e comportamentos e aquilo que é prescrito pelo grupo como sujeitos feminino e masculino. Neste sentido, embora a ampliação da participação feminina no espaço comunitário-religioso seja um fato, esta conquista de espaço ainda está muito relacionada à reprodução dos papéis sociais e desiguais de gênero. Um exemplo disto são os espaços ocupados, na condição de líder, pelas mulheres, justamente naquelas pastorais ligadas ao cuidado familiar e reprodução da vida social e religiosa, em que os trabalhos pastorais são voltados à família, aos cuidados pessoais, ao idoso, à criança, às vocações sacerdotais, à catequese, entre outros.

A Assembleia Pastoral Comunitária constitui um desses momentos

de renegociação e reafirmação de poder e pudemos acompanhá-la durante a pesquisa. Essa assembleia é realizada a cada dois anos, quando acontece a troca das coordenações por meio de eleições envolvendo as pastorais, os grupos e a coordenação geral da comunidade. Observando algumas atas de assembleias anteriores realizadas desde a década de 1990, em Soledade, a impressão que se tem é de que as cenas se repetem ao longo dos anos, como a cultura hierárquica e androcêntrica da Igreja; no entanto, hoje, de forma mais elaborada e com o poder menos centralizado. Isto ocorreu em Soledade a partir do momento que os leigos se organizaram e fizeram surgir os Conselhos Pastorais Comunitários<sup>13</sup> – espaços deliberativos que contribuem para a organização da vida e dinâmica da comunidade. Atualmente, a assembleia é sucinta, tendo em vista o processo que antecede a sua plenária – que inicia três ou quatro meses antes do evento. Sendo assim, a assembleia torna-se a oficialização e o coroamento de um trabalho que é construído em toda a comunidade durante dois anos e intensificado nos últimos quatro meses, aproximadamente, antes de sua realização.

Durante os preparativos da Assembleia, indagamos a algumas das lideranças sobre as Pastorais que geralmente são ocupadas pelas mulheres e porque até então uma mulher não tinha ocupado o cargo de coordenadora.

Nunca houve em Soledade uma mulher que ocupasse o cargo de coordenadora, não sei por que, não entendo (João, líder da comunidade. Entrevistado em agosto de 2010).

Como resposta frequente, a Assembleia, em sua dramatização, forneceu-nos outros dados acerca da distribuição dos papéis de gênero. Muitos líderes afirmavam que gostariam de ver uma mulher na coordenação, pois “elas estão em todos os espaços e assumem seus compromissos com responsabilidade”. Porém, na prática, presencia-se uma realidade diferente. Há aqueles que acham que “a mulher não tem assumido de verdade porque tem deixado a desejar”. Ou seja, entendem que “a mulher simplesmente não quer participar”. Nos bastidores e nas reuniões preparativas para a assembleia, as mulheres foram atuantes, participando nas discussões e debates de propostas a serem encaminhadas por cada grupo, com posicionamentos firmes e fundamentados, principalmente nos problemas sociais da comunidade. As mulheres estiveram presentes em todos os grupos e pastorais, preparando-se para o dia da assembleia.

Ao longo do processo, os *leigos* se organizam e realizam, em cada pastoral e grupo, pequenas assembleias e elegem a sua coordenação. Em seguida, tais coordenadores são apresentados em plenárias, colocam seus nomes à disposição para eleição e iniciam um movimento de campanha interna para novos coordenadores. Entretanto, as pessoas conversam em pequenos grupos, analisam

---

13 Os CPCs - Conselhos Pastorais Comunitários - são conselhos formados em cada comunidade com a coordenação geral da comunidade, das pastorais, grupos e movimentos. Esses conselhos se reúnem uma vez por mês e deliberam sobre as questões e necessidades da comunidade.

e discutem até chegar a um suposto nome ou nomes que possam compor a coordenação dos diferentes grupos. Na Assembleia Geral, os coordenadores são apresentados, e os nomes dos novos (as) coordenadores (as) são entregues ao secretário para registro em ata. É raro acontecer a composição de duas chapas para as eleições. O mais comum é o consenso entre os membros sobre o melhor nome ou a indicação de uma pessoa que aceite o cargo. É bastante comum um grupo ficar sem definição até as vésperas da Assembleia, sem nenhum nome indicado, pois “não há ninguém que aceita assumir o cargo”. Muitas pessoas entendem não serem capazes de assumir determinada responsabilidade, e isso acontece com mais frequência com as mulheres. Também é comum a pessoa que aceita o cargo de coordenador nem sempre ser aquela com o perfil esperado pelo grupo. A reeleição também é permitida. Também é comum a liderança manifestar que considera “importante dar a vez para o outro”. O cargo de coordenador é visto como um cargo de responsabilidade, prestígio e status social.

Na última assembleia, a eleição foi realizada com uma chapa única composta por quatro homens: nenhuma mulher se candidatou para a coordenação. Uma líder, ao receber um convite para assumir um cargo na coordenação pastoral na comunidade, recusou, com a justificativa de que “eu não daria conta”. A dependência da mulher, inclusive em termos financeiros, e a tripla jornada feminina é citada pelas mulheres como um dos impedimentos de envolvimento delas com compromissos na comunidade. Em Soledade, também não há uma cultura de participação masculina (da maioria dos homens) na divisão dos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos. Essa questão sobrecarrega a mulher e torna-se um dos obstáculos para muitas assumirem cargos que exigem autonomia, poder de decisão e uma vida mais ativa na comunidade. Apesar disso, essa mulher, mãe e esposa, vê no espaço do religioso a possibilidade de ampliar contatos sociais e de exercer liderança, ainda que limitada a certas pastorais.

Ao final da Assembleia, foi preparado um lanche. Enquanto algumas mulheres preparavam a mesa na cozinha, a plenária da Assembleia encaminhava as últimas discussões e deliberava sobre o relatório final. Em Soledade, alguns homens fazem parte das equipes da cozinha quando necessário. No entanto, é mais comum que os homens fiquem como coordenadores das mulheres e sejam responsáveis pelo “serviço pesado”.

Constata-se no espaço comunitário estudado que o poder é distribuído de modo desigual e referenciado nos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres, corroborando a literatura pesquisada sobre a condição feminina de viver posições subalternas na organização mais ampla da vida social, em função de esta mesma organização aludir a uma ótica religiosa que “naturaliza” o papel social subalterno da mulher, seja na família, na igreja ou no trabalho (da pastoral). Conforme os dados levantados, percebemos que os valores morais de família são cultivados a partir de um “núcleo duro” de noções de sagrado em torno da mulher e de seus derivados de “lugar sagrado”, como a “casa”, considerada o “mundo de dentro” prioritário, como templo do sagrado que tem a mulher como

“guardiã passiva” do que é considerado moralmente relevante pelo grupo social maior (DA MATTA, 1997; OLIVEIRA, 2008). Assim, o dado moral genérico deste aspecto da cultura é conceber a mulher como foco de proteção do sagrado, a família, em reverência e interdição. Esta é uma perspectiva na qual situamos a assimetria de relações de poder, com predominância masculina, o que dificulta maior agência feminina na definição dos termos que possam negociar papéis cotidianos básicos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas mostram que os/as líderes das pastorais retratam e sinalizam como se configuram as relações de gênero e poder na Igreja Católica e como essas relações se refletem diretamente nas famílias e na vida das pessoas que atuam nas pastorais dessa Igreja. Notamos, assim, que, a partir da análise da realidade local, houve implicações nas transformações do discurso dos agentes de pastoral, porém, na prática, são vivenciadas situações de desigualdade de gênero e dominação masculina. Embora os resultados apontem para uma mulher mais participativa, assumindo de forma mais atuante seu espaço nas pastorais, no caso das lideranças, mesmo estas lideranças não conseguem se desprender das tradições culturais que priorizam o homem em posições de comando e de maior *status*. Poder legitimado pela tradição católica, na qual uma mulher de respeito é aquela que é mãe e se sacrifica pelos filhos, sendo que educar exige abnegação da “mulher materna” marcada pelo sofrimento que encontra no modelo da “Virgem Maria” (MELHUS, 1990), modelo que impacta também na constituição do masculino. A divisão sexual de poderes que se reflete na divisão sexual do trabalho social em Soledade se mantém fortemente marcada pela cosmologia católica. Mesmo que os resultados da pesquisa apontem para mudanças na configuração familiar e na construção de gênero em sintonia com o espaço religioso que se transforma em espaço de sociabilidade para a liderança feminina, preponderam o contexto de reprodução da desigualdade de direitos de gênero e o fortalecimento do poder masculino na família e na Igreja.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em Ciência Sociais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOURDIEU, P. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: MICELLI, S. (Org.). 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.
- DAMATTA, R. *A casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, E. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão improvisado e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GEBARA, I. *Rompendo com o silêncio: uma fenomenologia do mal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978/1989.
- GOMES, R.; MENDONÇA, E. A. A representação e a experiência da doença: princípios para a pesquisa qualitativa em saúde. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2002.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Oxford: Basil Blackwell; 1977. p. 354-396.
- LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, M.; HARRY, M. et al. *A família e Evolução*. Porto Alegre: Editorial Vila Martha, 1980/1956, p.7-45.
- MELHUS, M. Una verguenza para el honor, una verguenza para el sufrimiento. In: PALMA, M. (org). *Simbólica de la Feminidad: la mujer en el imaginário míticoreligioso de las sociedades indias y mestizas*. Quito: AbyaYala, 1990.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Coleção Temas Sociais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MORIM, A. *A pesquisa ação integral e sistêmica: uma antropologia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- OLIVEIRA, M. J. *Entre amigos: antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- PORTAL MANHUAÇU. *Manhuaçu: economia e localização*. Disponível em: <[http://www.manhuacu.com/index.php?name=dados\\_economicos](http://www.manhuacu.com/index.php?name=dados_economicos)>. Acesso em: 02 fev. 2011.
- SOIHET, R. In: AGUIAR, N. (Org.). *Mulheres e gênero, contribuição para um debate*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. v. 5, p. 95 (Coleção gênero).
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- WEBER, M. *Sociologia*. COHN, G. (Org.); FLORESTAN, F. (Coord.). São Paulo: Ática, 1997. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

Recebido em: 27/09/2011

Aceito em: 5/10/2011